



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

A cultura e a língua no ensino de japonês: Um estudo de caso do livro Marugoto

Luana Costa Zambrano

Rio de Janeiro, RJ

2021.2

Luana Costa Zambrano

A cultura e a língua no ensino de japonês: Um estudo de caso do livro
Marugoto

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciando em Letras Português/ Japonês.

Orientador: João Marcelo Amaral Reimão Monzani

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LUANA COSTA ZAMBRANO

A CULTURA E A LÍNGUA NO ENSINO DE JAPONÊS: UM ESTUDO DE CASO DO
LIVRO MARUGOTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio
de Janeiro, como parte dos requisitos necessários
para obtenção do grau de licenciando em Letras
Português/ Japonês.

Data de avaliação: 06/01/2022

Banca Examinadora:

João Marcelo Monzani – Presidente da Banca Examinadora
Faculdade de Letras/Univesidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Paula da Costa Caffaro – Leitora Crítica
Faculdade de Letras/Univesidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos Avaliadores:

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família e aos meus amigos que sempre me apoiaram e me motivaram a continuar nessa jornada de conhecimento, mesmo sem saber aonde ela iria me levar. Também gostaria de agradecer ao professor João Marcelo Amaral Reimão Monzani pela orientação e tutoria na conclusão dessa monografia e à professora Eli Aisaka Yamada por ter me auxiliado e me ajudado a questionar sobre o que é ser um professor de língua estrangeira.

RESUMO

Segundo BENNET (1998), a cultura se divide em duas: a objetiva e a subjetiva. Existe a parte que se pode perceber (cultura visível, objetiva, Cultura com “C” maiúsculo, *mieru bunka*, em japonês), com seções exclusivas nos livros didáticos. Além disso, existe a parte que não está visível aos olhos (cultura invisível, subjetiva ou cultura com “c” minúsculo, *mienai bunka*, em japonês). O ensino de uma língua e sua cultura estão diretamente relacionados. O enfoque sempre está voltado para o ensino da cultura visível, uma vez que é mais facilmente acessado e encontrado, porém a cultura invisível tem o mesmo nível de importância. O trabalho, em questão, busca analisar os aspectos da cultura invisível e correlacioná-los com o ensino da língua japonesa, focando no livro didático Marugoto. Os aspectos que podem ser encontrados são: comportamentos linguísticos, pensamentos, crenças, entre outros. É possível perceber a importância do ensino da língua correlacionando à cultura, pois sem esta relação, o estudante não conseguirá entender, nem transmitir o que deseja na língua que está aprendendo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. CULTURA VISÍVEL X CULTURA INVISÍVEL	9
2.1 CULTURA VISÍVEL	9
2.2 CULTURA INVISÍVEL	10
2.2.1 FORMAS DE POLIDEZ	10
2.2.1.1. Apresentações	10
2.2.1.2 <i>Kedo</i> (けど) x <i>Ga</i> (が)	12
2.2.2 HÁBITOS	13
2.2.3 COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO	14
2.2.3.1 O uso do <i>chotto</i> (ちょっと)	14
2.2.3.2 Utilização da estrutura <i>-sou</i> (~そう)	15
2.2.3.4 O uso do <i>-to omoimasu</i> (とおもいます)	15
2.2.3.5 Pedidos de permissão	16
2.2.3.6 Expressões fáticas	17
2.2.4. VALORES	19
2.2.4.1 Associação com a natureza	20
2.2.4.2 Formas de se dirigir a uma outra pessoa	20
3. CONCLUSÃO	21
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
5. ANEXOS	24

INTRODUÇÃO

O ensino da língua estrangeira está relacionado ao ensino da cultura. Quando se ensina uma língua, ensina-se também a cultura do povo. Existem, nos livros, seções dedicadas à cultura, porém o que se vê para ser ensinado é apenas parte de um todo, o chamado *Iceberg* cultural (anexo 1), descrita por Edward T. Hall, em 1976. Em todas as culturas, dos diversos povos espalhados pelo mundo, há uma parte que é visível e uma parte invisível. A parte que mais pode ser vista é a chamada cultura visível (chamada em japonês de *Mieru Bunka*). Algumas delas são: gastronomia, vestimentas, músicas, tradições, comportamentos, entre outros. Porém, é possível perceber que existe uma parte invisível (*Mienai Bunka*) que são representados: papéis familiares, regras de conduta, padrões de pensamento, expressões, gestos, formas de comunicação, entre outros.

Hábitos, valores, pensamentos, comportamentos linguísticos, entre outros, por exemplo, não são visíveis a olho nu, porém têm grande influência na vida cotidiana e nas relações humanas. Um exemplo disto, na cultura japonesa, são os comportamentos à mesa (ENDO, 2011, p. 49). O costume de agradecer antes da refeição, batendo as palmas das mãos e dizendo “*Itadakimasu*” e depois de acabar, realizando o mesmo movimento, e dizendo “*Gochisousama deshita*”. A gastronomia está ligada diretamente aos hábitos e comportamentos alimentares de um determinado povo. Por este fato, a cultura invisível e a visível estão sempre relacionadas, apesar da invisível ser mais difícil de se detectar.

Segundo Bennett (1998), quando se fala de cultura, divide-se em dois tipos: a cultura objetiva e a subjetiva. A Cultura, colocada com “C” maiúsculo, se trata da cultura objetiva, ou seja, a cultura que pode ser vista. Trata-se daquela que envolve literatura, arte, música ou dança. Também se inclui política, economia, social e sistemas linguísticos. Já no caso da subjetiva, também chamada de cultura com “c” minúsculo, se refere a características psicológicas que definem um determinado grupo, sejam elas o pensamento ou comportamento. Sua definição de cultura subjetiva é daquela que se aprende e compartilha dos padrões de crenças, comportamentos e valores de um grupo de pessoas interagindo.

A falta de conhecimento sobre os aspectos da parte invisível da cultura pode causar transtornos no aprendizado de uma língua estrangeira, pois os alunos tendem

a utilizar a língua materna como base para seu entendimento e isto pode levar a uma dificuldade maior quando colocado em prática, no momento da comunicação. Sem o aperfeiçoamento das regras não escritas da cultura, não se pode obter conhecimento que existe em cada situação ou contexto, quando pessoas interagem (HALL, 1976, p. 189).

Quando se trata do ensino de línguas estrangeiras, vê-se, professores e cursos de idiomas tendendo focar no aspecto voltado à cultura objetiva, ou a *mieru bunka*. Os próprios livros didáticos dedicam seções exclusivas para falar sobre a mesma. Além de causar estereótipos, isto pode levar à falta de entendimento e comunicação intercultural (FERREIRA, 2011, p. 11).

O enfoque dos materiais didáticos está no mais visível, ou seja, evita-se o mais complexo, no caso, a cultura que não é visível. Há um costume de apresentar mais fatos do que suas interpretações e significados. Além disso, evita-se também as nuances e a interculturalidade. Este fato pode levar a desentendimentos e problemas de comunicação. Os estereótipos levam a diferenças entre sociedades e a visões de uma cultura ser considerada exótica (KOMOROWSKA, 2006, p. 62; KUADA & GULLESTRUP, 1998, p. 25-56).

O livro Marugoto, criado pela Fundação Japão¹, utilizado para o ensino de estudantes estrangeiros que moram no Japão, composto por 5 livros que vão do A1 ao B2, seguindo o modelo europeu de ensino de língua estrangeira, o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (CEFR), que descreve a proficiência em um idioma. Sendo o A1, A2-1 e A2-2 o nível iniciante e o B1 e B2, o nível intermediário. O material ainda se encontra em andamento, então, possivelmente, outros livros serão desenvolvidos futuramente para níveis avançados. São dois livros utilizados no ensino, o chamado *Katsudou* e o chamado *Rikai*. O *Katsudou*, livros de atividades, tem enfoque na comunicação e o *Rikai*, no reforço do que foi ensinado no *Katsudou* e na gramática propriamente dita.

¹ Encontrado no site: www.jpof.go.jp/e/



Fig.1: Livros A1 e A2.1, de atividades, nível iniciante, do Marugoto

Este trabalho tem por objetivo estudar o livro Marugoto, com enfoque nos livros A1 e A2-1, utilizados no curso CLAC de japonês, e analisar alguns casos em que parte da cultura visível e parte da cultura invisível podem ser encontradas, correlacionando sua importância ao ensino da língua estrangeira. Apontaremos como o/a professor/a pode abordar essas questões em cada caso.

2. CULTURA VISÍVEL X CULTURA INVISÍVEL

2.1. Cultura Visível (*Mieru bunka*)

É possível notar que o livro Marugoto possui uma seção exclusiva para a parte de cultura, a “Vida e Cultura” (“*Seikatsu to bunka*”), em sua composição, porém a mesma só é encontrada depois de acabar a lição tema, sempre tendo uma relação com o conteúdo que foi previamente ensinado, tendo apenas uma página quando comparado a todo o ensino que foi dado. Além disso, com as imagens, são apresentados também vocabulários e perguntas para o estudante falar sobre o que conhece e sobre seu próprio país. Se, por exemplo, a lição tem o enfoque em comidas, como demonstrado na fig. 2 abaixo, a parte de cultura também terá relação com a temática. No entanto, só há uma página para falar sobre a cultura relacionada à temática, essa, normalmente, mais fácil de visualizar para um estudante de língua estrangeira.

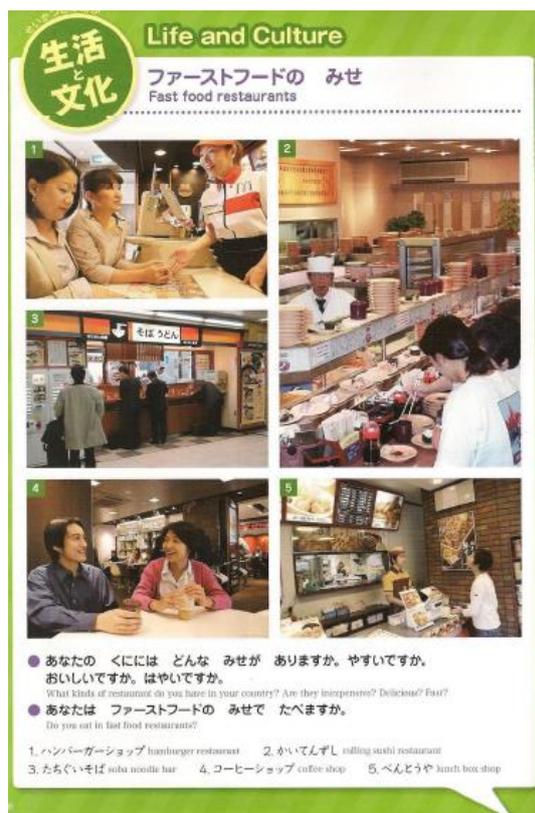


Fig.2: parte de Vida e Cultura, dedicada ao ensino da cultura japonesa. Marugoto A1, pág. 50, 2014.

A cultura visível sempre é colocada em enfoque, quando ensinada no livro didático. Uma vez que esta parte é mais fácil de ser assimilada pelo estudante e facilita também o entendimento e pode-se fazer uma correlação direta com a cultura do próprio estudante.

2.2 Cultura Invisível (*Mienai bunka*)

2.2.1 Formas de polidez

2.2.1.1. Apresentações

A parte da cultura invisível que pode ser detectada no livro diz respeito a aspectos que estão diretamente correlacionados ao ensino da língua e gramática japonesa. Pelo fato de o Japão ser um país que tem uma forte relação hierárquica, pode-se notar a diferença no ensino de formas de polidez. O livro dá uma ênfase maior

à linguagem do cotidiano, porém também é possível notar que também há utilização de linguagem mais polidas. Este fato pode ser observado na fig.3 abaixo:



Fig.3: exemplo de duas formas de apresentação. Marugoto A1, pág. 35, 2014.

Acima, ensina-se duas formas de se apresentar, porém sem o conhecimento de como funciona a hierarquia japonesa, o estudante não entenderá em que caso deverá utilizar determinada estrutura.

O ensino prioritário é da forma padrão: “*Hajimemashite. _____ desu*” (“Eu sou_____”). Porém o livro também apresenta a forma: “*_____ to mooshimasu*” (“Me chamo_____”). A princípio, para o estudante da língua, não há muita diferença, pois na língua portuguesa usa-se as duas formas. Porém se, por exemplo, estivesse falando com uma pessoa de um nível hierárquico mais alto que o de si próprio, em uma empresa japonesa, deve-se ser mais polido. A primeira não está errada, mas os japoneses dão valor à hierarquia, então entendendo como a mesma funciona, pode-se entender, o porquê de determinada pessoa escolher uma forma de expressar ao invés de outra. Este fato não é descrito no livro, então sem o conhecimento dessa parte cultural o aluno não entenderia por qual motivo são apresentadas duas formas.

O fato de o livro ser utilizado para o ensino de estrangeiros que moram no Japão, faz com que os conhecimentos se tornem mais facilmente correlacionáveis. No entanto, é mais difícil para os alunos estrangeiros, que residam em outros países, conseguirem entender como se dá essa relação.

2.2.1.2 *Kedo* (けど) X *Ga* (が)

Outro caso que pode ser encontrado é no livro A2.1. O aluno aprende, primeiramente, a utilizar o *Kedo*, que funciona como a conjunção de adversidade, “mas, porém”. Na segunda parte do livro, aprendem a utilização do *Ga*, que funciona com o mesmo. Ambos têm o sentido de contrastar características em uma sentença. Tem-se os exemplos nas figuras 4 e 5 abaixo:

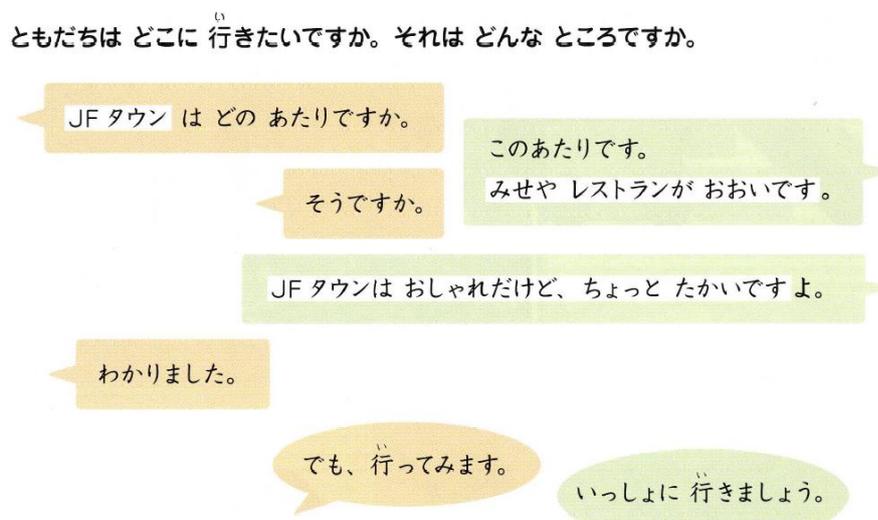


Fig. 4: exemplo do *Kedo* utilizado em uma conversa. Marugoto A2-1, pág. 53, 2014.

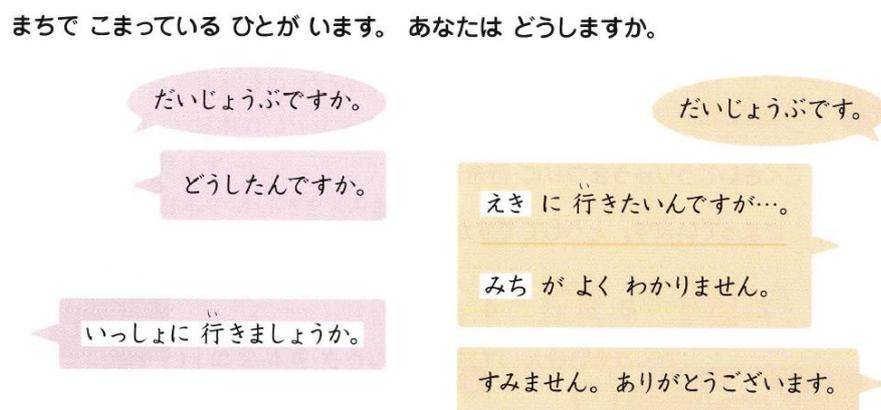


Fig.5 exemplo do *Ga* utilizado em uma conversa. Marugoto A2-1, pág. 84, 2014.

No caso acima, o *Kedo* (fig. 4) está sendo utilizado para contrastar as características do tópico JF Town. Contrasta elegante, estiloso (*Oshare*) e um pouco

caro (*Chotto takai*), especificando que o lugar é elegante/estiloso, porém um pouco caro (*JF Town wa oshare dakedo, chotto takai desu*). Já na utilização do *Ga* (fig. 5), utiliza-se para dizer que gostaria de ir para a estação, mas não conhece bem a rua/estrada (*Eki ni ikitain desu ga, michi ga yoku wakarimasen*). O emprego do *Ga* deixa a frase mais polida na hora de expressar algo para uma pessoa que não se conhece, como no caso de não conhecer a rua. Se utilizasse o *Kedo*, poderia causar uma sensação de intimidade com quem está interagindo na conversa.

Para o aluno, fica confuso o porquê de aprender duas palavras com o mesmo sentido. No caso do japonês, como dito na parte de apresentações, a questão da polidez e da hierarquia estão intimamente ligadas. No primeiro caso, aprende-se a utilizar o *Kedo*, pois, como o livro está focado mais na questão de coloquialidade e informalidade, é falado com pessoas com quem se tem mais intimidade e familiaridade. Ele é focado mais na língua falada. Já o *Ga*, é utilizado em contextos de maior polidez e, principalmente na escrita. Considerado uma forma para quando não se tem tanta intimidade com a outra pessoa.

É importante entender como funcionam as questões hierárquicas e de polidez, no Japonês, para se compreender por que são utilizadas tantas formas diferentes que possuem o mesmo significado.

2.2.2 Hábitos

Os japoneses, assim como qualquer outra cultura, têm hábitos associados à linguagem. Dentre esses hábitos, um muito comum, no momento que se apresenta a alguém, é o de entregar o *meishi* (cartão de visitas). Este é entregue ao interlocutor para conhecer um pouco mais sobre a pessoa que se apresentou (vide fig.3). O *meishi* contém informações da pessoa como o nome, e-mail, onde trabalha, telefone, profissão e endereço. Podem ser encontrados exemplos de *meishi*, apresentados no livro, no Anexo 2.

O *meishi*, assim como diversos objetos, são dados pelos japoneses virados para a pessoa com a qual se está falando, para que a mesma já receba o cartão, conseguindo ler. É comum quando pessoas se conhecem, haver uma troca de *meishi*.

2.2.3 Comportamento linguístico

2.2.3.1 O uso do Chotto (ちょっと)

Os japoneses têm o costume de não serem enfáticos, seja ao recusar um convite, inferir sobre o pensamento ou desejo de outra pessoa ou mesmo transmitir informações sobre as quais não têm certeza da fonte. É possível perceber, no livro, a utilização de *Chotto* (Anexo 3), que possui um sentido de “um pouco”, ao recusar um convite de alguém. Dificilmente será visto um japonês negando diretamente um convite.

O aluno, ao aprender a convidar e recusar um convite, pode ter dificuldade, pois não entende o sentido do uso *Chotto* ao recusar um convite. *Chotto*, nesse contexto, é utilizado com o sentido de ser um pouco ruim o dia escolhido para o convite. Além disto, é possível perceber que mesmo recusando um convite, tem-se o costume de falar que se espera um convite da próxima vez. Não conhecendo sobre o comportamento linguístico da língua estrangeira a qual está aprendendo pode gerar diversas dificuldades na comunicação entre pessoas de diferentes culturas.

2.3.2 Utilização da estrutura -Sou (~そう)

Como descrito em 2.3.1, os japoneses não costumam ser enfáticos. Outro fato é que não têm o costume de afirmar sobre os sentimentos dos outros, informações que não vieram deles mesmos, ou opiniões fortes. É mais raro perceber na língua japonesa, os japoneses expressarem frases como “Ele quer esta comida”, ou “Esta obra de arte foi feita por tal pessoa”, ou frases desse tipo. Por este fato, eles utilizam a expressão -*Sou*. Esta estrutura é utilizada quando o falante observa algo e não ter certeza sobre o que está falando. A partir da sua visão, ele expressa que tal objeto parece ser de tal forma.

Na fig. 6, duas pessoas estão conversando. Uma das pessoas olha a comida que a outra trouxe e diz:

A - O que é isso? Parece gostoso. (*Sore, nan desu ka. Oishisou desu ne*)

B - Sushi japonês. (*Nihon no sushi desu*)

A – Sushi? (*Osushi desu ka*)

B – Parece com o Kimbap coreano. (*Kankoku no Kimpa to niteimasu ne*)

A – O gosto é um pouco diferente/ O gosto é parecido também. (*Aji wa chotto chigaimasu/ Aji mo niteimasu yo*)



Fig. 6: Utilização da estrutura sou em uma conversa. Marugoto A2-1, pág. 99, 2014.

O fato de os japoneses não afirmarem as coisas que falam sobre outros ou sobre as coisas pode causar uma certa confusão para o aluno. É importante que o professor tenha em mente estas diferenças culturais que são expressas no momento que a língua é utilizada, pois pode fazer com que o aluno acabe utilizando as estruturas de forma equivocada. Mostrar vídeos utilizando as expressões no dia a dia facilitam o entendimento.

2.2.3.4 Utilização de *To Omoimasu* (と 思います)

Assim como o uso do -Sou, os japoneses utilizam também o *To omoimasu* para expressar sua opinião sobre algo, mas sem ser muito afirmativo. Essa expressão quer dizer “Eu acho/ penso” e é muitas vezes utilizada para demonstrar que o japonês quer suavizar seu discurso para o ouvinte. É comum ouvir em reuniões, por exemplo, a frase “*Kono kaigi wo hajimetai to omoimasu*” (“Eu acho que gostaria de começar esta reunião”). É muito difícil um japonês falar “Eu vou começar a reunião”. Essa expressão

se torna muito útil por mostrar que não está sendo muito enfático no que se deseja falar.

Na fig. 7, tem-se um exemplo da utilização dessa estrutura. Duas pessoas estão conversando sobre o que farão sobre a comemoração de casamento do Abe. Uma das pessoas dá sua opinião sugerindo uma festa (“*Paatii wa ii to omoimasu*”), pois o Abe disse que queria conversar com todo mundo. E a segunda pessoa expressa que ela acha que o Abe ficaria feliz (“*Abe-san, yorokobu to omoimasu*”).



Fig. 7: Utilização da estrutura *to omoimasu* em uma conversa. Marugoto A2-1, pág. 99, 2014.

É importante que o professor tenha em mente as questões culturais sempre que foi explicar sobre as novas estruturas, pois estas ajudam no melhor entendimento da língua pelo aluno.

2.2.3.5 Pedidos de permissão

Os japoneses têm muito respeito ao espaço do outro. Eles não entrarão, por exemplo, em uma loja e irão começar a gravar por dentro dela sem pedir permissão. Eles sempre irão perguntar se podem, e para isso entra em questão a estrutura *-temo*

ii desu ka. Além disso, eles têm o costume de censurar os rostos para não expor as pessoas que estão no recinto. Esta estrutura é utilizada para pedir permissão de forma respeitosa.

Na fig. 8, tem-se o exemplo dessa estrutura. Uma pessoa quer pegar emprestado o computador do outro e para isso utiliza “*Sumimasen, Konpyuutaa, karitemo ii desu ka.*” (“Desculpe, poderia pegar emprestado o computador”). A outra pessoa: “claro, fique à vontade” (“*hai, douzo.*”) ou “desculpe, agora está quebrado/ agora está sendo utilizado” (“*sumimasen. Ima, kowareteimasu/ ima, tsukatteimasu.*”)



Fig. 8: Pedindo permissão em uma conversa. Marugoto A2-1, pág. 112, 2014

2.2.3.6 Expressões fáticas

O livro *Marugoto* aborda os chamados *Aizuchi*. Estes são interjeições que são utilizados pelos japoneses durante uma conversa para expressar surpresa, dar continuidade ou mostrar que a pessoa está prestando atenção na conversa. Além de utilizarem expressões, é comum da cultura japonesa, repetir palavras e frases que foram ditas pelo locutor da história. Para os estudantes de língua japonesa, a um primeiro contato, é comum achar que os japoneses estão se “intrometendo”, criando uma dificuldade de comunicação, na história que o locutor conta, mas esta é sua forma de mostrar interesse e que está prestando atenção. Pode ser reparado este aspecto nesta unidade do livro:

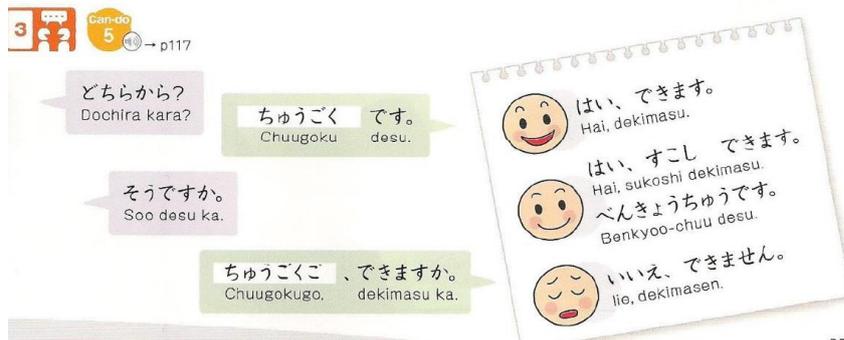


Fig.9: Utilização de *Sou desu ka*. Marugoto A1, pág. 33, 2014.

Neste exercício, ao ser perguntado de qual país é (“*Dochira kara?*”), o aluno responde seu país, no caso China (“*Chuugoku desu*”). Após a resposta da pessoa, o interlocutor japonês utiliza “*Sou desu ka*”, que em tradução literal seria “É isto?”.

Outro exemplo de *Aizuchi* (fig. 10) é com a utilização de palavras para demonstrar que está prestando atenção. Na conversa abaixo, o falante A pergunta a que horas a pessoa acorda todo dia (“*Mainichi nanji ni okimasu ka.*”) e o B responde que acorda 6 horas (“*Rokuji ni okimasu.*”). Existem dois balões que o A pode utilizar nesse cenário, que depende do que o mesmo acha do horário: pode responder como “Cedo, né?” (“*Hayai desu ne*”) ou “Tarde, né?” (“*Osoi desu ne*”).



Fig.10: Outro exemplo de *Aizuchi*. Marugoto A1, pág. 64, 2014.

Exemplos de *Aizuchi* encontrados no livro são: *sou desu ne* (quando concorda como o que o locutor está falando), “*sou desu ka*” (quando está perguntando para receber uma confirmação), “*wakarimasu*” (“entendo”), “*hai*” (“sim”), “*ii desu ne*” (“que bom, né?”, fig. 11) e as repetições de palavras que eles considerem importantes para mostrar que entenderam. Às vezes, as palavras-chave não fazem sentido para o estudante da língua estrangeira, mas para o falante nativo é uma palavra chave.

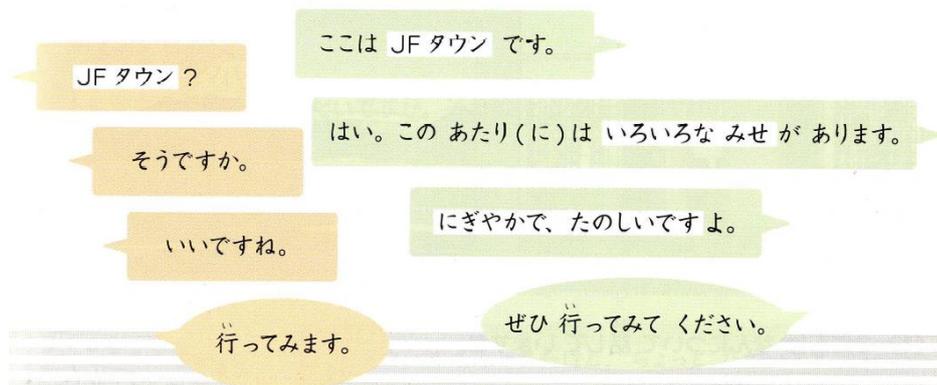


Fig.11: Utilização de *li desu ne*. Marugoto A2-1, pág. 51, 2014.

O aluno pode ficar confuso com as utilizações destas expressões no meio de uma conversa, pode até se distrair ou pensar que o interlocutor não está interessado na sua conversa, e como o *Aizuchi* não tem o costume de ser explicado no ensino da língua, pode causar uma barreira na comunicação com o falante da língua estrangeira. Cabe ao professor da língua estrangeira explicar sobre este fato para que o aluno consiga realizar uma boa comunicação entre ele e o estrangeiro, pois quando for o caso do japonês falar sobre algo, espera que sejam utilizadas essas expressões e os brasileiros não têm esse costume.

2.2.4. Valores

2.2.4.1 Associação com a natureza

As estações do ano, no Japão, são bem demarcadas e este fato é também bem demonstrado no vocabulário da língua. As lições 3 e 4, da seção 2, do livro A2.1, mostram bem esse fato (pág. 34- 45). Existem palavras específicas que representam cada estação do ano (anexo 4). Um japonês, ao ouvir essas palavras conseguem associar às respectivas estações, porém um aluno estrangeiro, que não teve contato com o país e não tem acesso a esta parte da cultura não entenderá bem o porquê do uso de determinadas palavras. Isto ocorre, obviamente, pelo fato de que cada país tem climas distintos, animais e plantas que são característicos de sua região, além disso, os países também tem valores distintos em relação a seus próprios comportamentos, não só com os outros como com a natureza. Os japoneses valorizam muito a natureza. É possível perceber este fato em livros de poemas e até

mesmo na utilização de determinados elementos para incorporar em comidas de determinadas estações. É possível perceber este tipo de utilização, por exemplo, na primavera quando muitas comidas utilizam a flor de cerejeira como ingrediente, elemento típico da primavera japonesa.

2.2.4.2 Formas de se dirigir a uma outra pessoa

Os japoneses têm um senso de respeito muito grande em relação ao próximo. Diferente do ocidente, eles têm um valor muito mais relacionado ao grupo, em contraposição com o ocidente que prioriza mais o particular.

Ao se dirigir a outra pessoa, dificilmente será visto um japonês utilizando o pronome “você” (“*anata*”, “*kimi*”, “*omae*”, por exemplo). É comum de vê-los perguntando o nome da pessoa ou se apresentando para o outro. A partir do momento que aprendem o nome da pessoa com que estão conversando, sempre irão se referenciar a pessoa pelo nome mais um honorífico. Quando não se tem muita intimidade com a pessoa, ou essa pessoa é mais velha, utiliza-se o *-san*. É comum também se dirigir pelo sobrenome da pessoa. No caso de ter mais intimidade, e ser uma pessoa mais próxima em idade, ou uma criança, por exemplo, é comum utilizar *-chan* ou *-kun*, ou até mesmo não utilizar honorífico nenhum. Chefes em empresas, por exemplo, se referem a seus funcionários utilizando *-kun*, muitas vezes. Este fato pode ser observado na figura abaixo.

はじめまして。 やまだ です。
Hajimemashite. Yamada desu.

あのう、おなまえは？
Anoo onamae wa?

ワン です。
Wan desu.

ワン さんですね。どうぞ よろしく。
Wan san desu ne. Doozo yoroshiku.

どうぞ よろしく。
Doozo yoroshiku.

Fig.12: Apresentação para outra pessoa. Marugoto A1, pág. 32, 2014.

Apesar da utilização de honoríficos ser um dos elementos que mais os alunos veem, quando se trata da língua japonesa, principalmente em anime, é necessário ensinar o porquê deste ser utilizado e os valores que vêm associados a eles. Visto que, no português, estes não são encontrados para poder correlacioná-los e nem se tem uma tradução propriamente dita para eles. Muitos alunos acabam ficando com a impressão de que como no português utiliza-se muito o pronome “você”, que poderá ser utilizado também na língua japonesa. No entanto, por terem valores diferentes, o japonês não receberá bem a utilização do pronome quando alguém o referenciar dessa forma.

3. CONCLUSÃO

A partir da análise do livro didático Marugoto, pode-se perceber que há um enfoque no ensino da cultura visível, assim como qualquer livro de ensino de língua estrangeira. A cultura visível (*mieru bunka*), sendo uma parte mais proeminente de um povo, tem um acesso mais fácil, pois pode ser observada de maneira geral. Por este fato, seu ensino também é mais enfatizado, tendo uma sessão exclusiva no final de cada tópico, na parte de “Vida e Cultura” (“*Seikatsu to Bunka*”).

Em relação à cultura invisível (*mienai bunka*), é possível perceber, a partir das análises dos livros em questão, que a cultura de um povo vai muito além do que está visível aos olhos do estudante de determinada língua estrangeira. Aspectos que vão desde a vestimenta, música, literatura, que são mais visíveis, até crenças, regras de condutas e pensamentos, que não são tão perceptíveis.

A cultura é muito importante para um povo e está diretamente relacionada à língua. Ela serve para entender como funcionam certos aspectos da língua, que acabam por ser perdidos, em uma tradução, por exemplo, quando não se conhece como um povo se comporta, suas crenças, entre outros. Muitas vezes, o estudante não percebe como estão intrinsecamente interligados. Este fato acaba também muitas vezes sendo esquecido pelo professor.

É importante que se preste atenção à relação entre língua e cultura, principalmente na língua japonesa que grande parte do comportamento e pensamentos estão diretamente ligados com a forma como ocorre uma interação

entre as pessoas. Os alunos acabam, muitas vezes, não entendendo determinada resposta que os japoneses dão, por não compreenderem o que determinada estrutura tem de significado na cultura deles. Muitas vezes, uma palavra, ou estrutura, tem um sentido em determinado contexto, porém quando utilizado em outro, já possui outro significado e os dicionários não trazem essas sutilezas. É função do professor se atentar a esses detalhes na hora de ensinar uma nova estrutura.

É preciso enfatizar que esses tipos de estudos ainda são escassos, principalmente no ensino de língua japonesa. Ainda são necessários mais estudos para haver um maior aprofundamento sobre a relação entre cultura e língua, principalmente no ensino de japonês, visto que são encontrados muitos poucos materiais que falam sobre essa correlação e, os que explicitam, ainda se encontram em língua japonesa, sendo de pouco acesso aos professores estrangeiros e os que abordam, tem muito conteúdo e são semelhantes nessa análise.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETT, M.J. Intercultural Communication. *In* **Basic Concepts of intercultural communications: selected readings**. Intercultural Press, Yarmouth, EUA. 288p., 1998.

ENDO, O. **Nihongo kyouiku wo manabu**. 2ª ed., Ed. Sanshusha. Tóquio, 258 p. 2011.

FERREIRA, M.A.V. **A trilogia língua-cultura-contexto e ensino de LEs: revendo conceitos**. Revista de letras da Universidade Católica de Brasília, vol. 4, Número 1, Ano IV, 5-13p., 2011

HALL, E.T. Cultural and Primate Bases of Education. *In* **Beyond Culture**. 6ª ed., ed. Turabian, 189-212p. 1976.

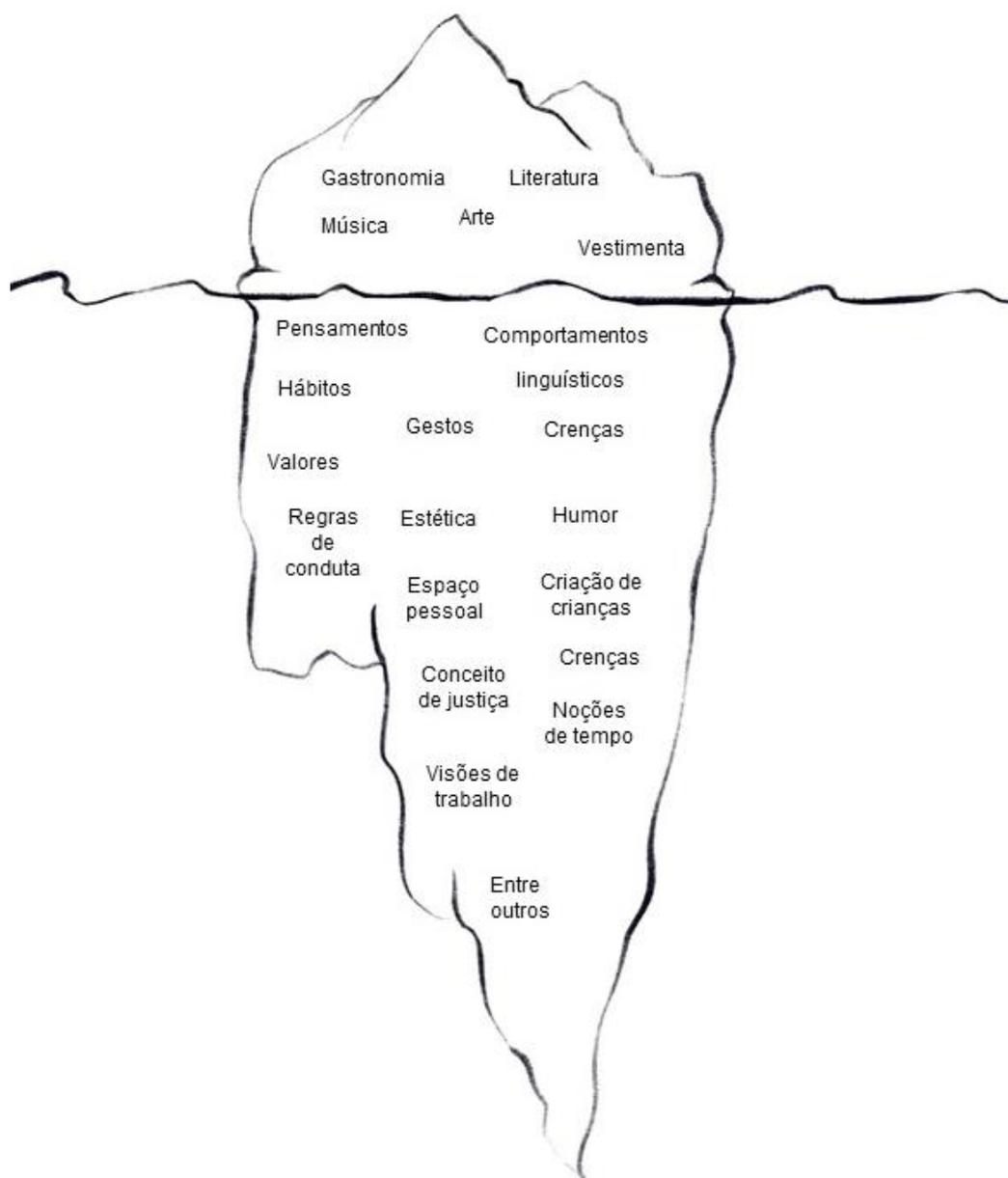
JAPAN FOUNDATION. **Marugoto A1 Starter Katsudou**. 1ª ed., Ed. Sanshusha, Tóquio. 200p. 2014

JAPAN FOUNDATION. **Marugoto A2-1 Elementary Katsudou**. 1ª ed., ed. Sanshusha, Tóquio. 187p. 2014

KOMOROWSKA, H. **Intercultural competence in ELT syllabus and materials design**. Scripta Neophilologica Posnaniensia, vol. 8, 59-83p., 2006.

KUADA J., GULLESTRUP H. The cultural context of corporate governance, performance, pressures and accountability. *In* **Corporate governance accountability and pressures to perform an international study**. 1ª ed., JAI-Press, Londres. 25-56p.,1998.

5. ANEXOS



Anexo 1: Iceberg Cultural. Exemplos de cultura visível (parte de cima) e cultura invisível (parte de baixo).

4 めいし
meeshi

1 なまえは どれですか。 **Can-do 6**
Find the person's name on each name card.

1

若葉市役所
市民・スポーツ課

竹田 仁志
Takeda Hitoshi

〒049-3621 新潟県新潟市大塚 1-25-3
電話 0256-89-18XX
FAX 0256-89-28XX
ホームページ <http://wakaba-city.go.jp>

2

つばめ食品 営業部
落合 雅子

Tsubame foods
Marketing Dept.
Masako Ochiai

〒223-0053
神奈川県横浜市港北区大倉2-2-22
Tel : 045-547-90XX
Mobile: 090-3123-67XX
e-mail : ochi_masako@cyber.ne.jp

3

ABC ABC日本語学院
Japanese School

講師 山田 有三
Instructor Yamada Yuzo

〒530-0014
大阪市北区道田町1-25-303 TEL/FAX(06)6371-55XX
E-mail: yamada@abc-school.co.jp <http://www.abc-school.co.jp>

4

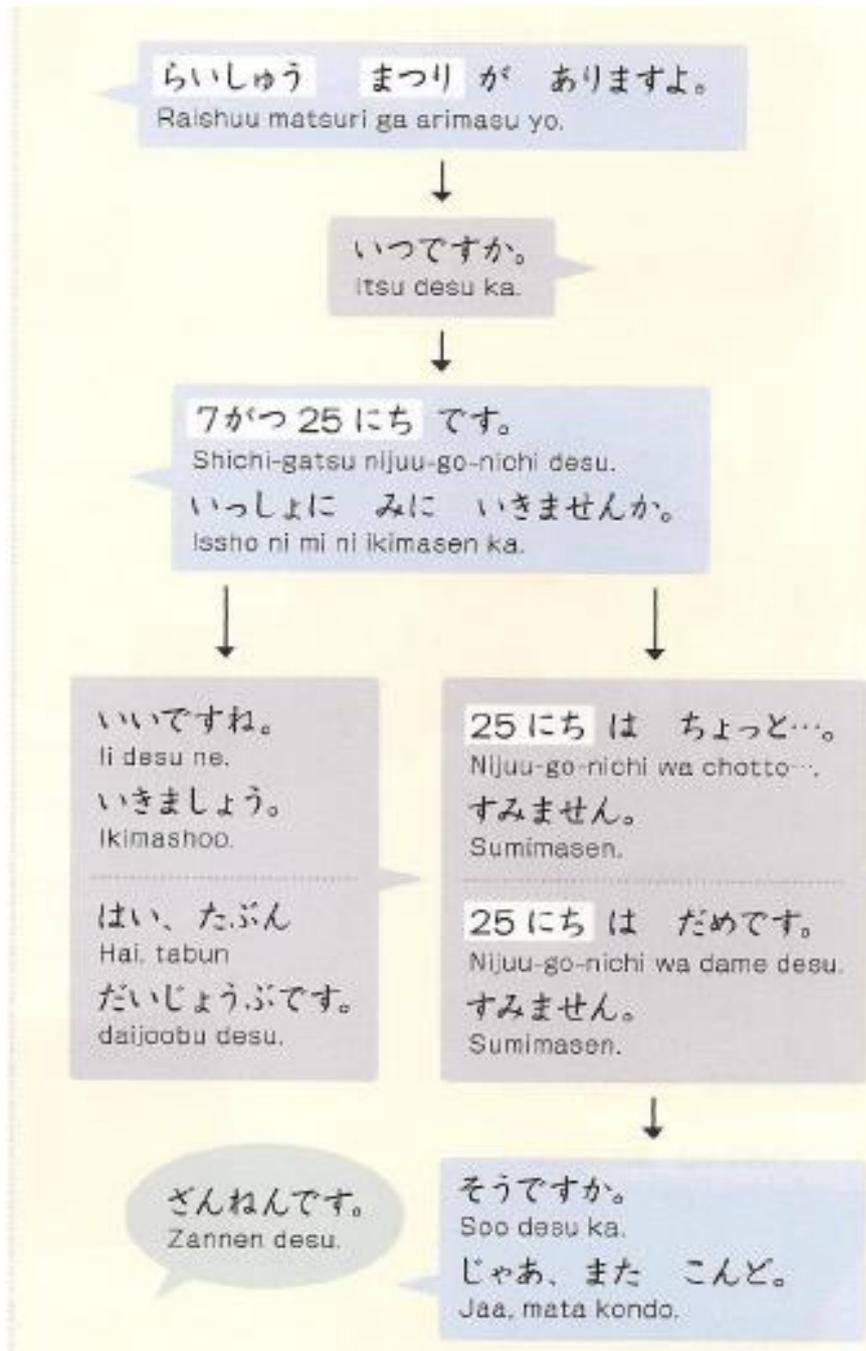
技術部技術開発課
関口 直
SEKIGUCHI, Nao

村田エンジニアリング株式会社

TEL&FAX
03-5373-59XX
〒165-0034
東京都中野区東町4-19-202

2 **Can-do 5** → p117

Anexo 2: Exemplos de meishi encontrados no Marugoto A1, pág. 35, 2014.



Anexo 3: Uso do *Chotto* para recusar polidamente um convite. Marugoto A1, pág. 81, 2014.



Anexo 4: As estações do ano e seu vocabulário. Marugoto A2.1, págs. 34-35, 2014.